

# Vexame sem resgate

AUSTREGESILO  
DE ATHAYDE

Se os pactos devem ser observados, segundo manda a regra justiniana, não apenas os de ordem política, como igualmente os que se negociam em economia e finanças, e sobretudo nessa ordem, não vemos que haja um ponto de sustentação moral para a nova doutrina brasileira de que quem emprestou, além da confiabilidade do devedor, arrisca-se a perder o dinheiro emprestado, recebendo assim o merecido castigo de sua boa fé. Há o precedente da conhecida Doutrina Drago, algo semelhante ao que se não igual pelo menos parecido, com a chancela da Argentina. Os pagadores relapsos sempre encontram uma boa razão com a qual se justificam das suas descaídas no campo do crédito. Nem é nova no mundo, antes velhíssima, a instituição do calote. Já consagrada na oração que o Cristo nos ensinou: "Perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores". A transação proposta é esta: "Os nossos credores devem perdoar o nosso débito, com a contrapartida de que por nossa vez perdoaremos aqueles que nos devem. Não pagaremos os cem bilhões de dólares, montante da nossa dívida externa, perdoando o que a Polônia não nos pagou.

Há o pudor nacional a ser resguardado. Questão de senso de honra que os antigos levaram ao extremo de creditar com um fio de barba. O dinheiro colhido pelos bancos, passando títulos ao povo dos países prestamistas, serviu, nos últimos vinte e cinco anos, para construirmos obras que alguns acham faraônicas, mas na verdade são indispensáveis para o acelerado ritmo de desenvolvimento que tanto nos compraz alegar, quando vaidosamente exibimos ao mundo espantado as notícias das grandezas no Brasil. Culpar os que nos emprestaram e puni-los com a inadimplência é uma atitude aleivosa, indigna da respeitabilidade que reclamamos da sociedade internacional.

OBRA  
BRAZIL  
O  
B  
R  
A  
Z  
I  
L  
E  
R  
I  
A  
O  
B  
R  
A  
Z  
I  
L  
E  
R  
I  
A

Negociar com seriedade, ajustando o pagamento ao possível, é o caminho. Sem increpar os prestamistas pelo excesso de confiança que depositaram em nossa honrabilidade. O crédito das nações tem de ser cuidado como um elemento essencial na compostura que devem ter em seu relacionamento. Perdido o crédito, perde-se a face. E não há resgate para tamanho vexame.